

ACÇÃO CATÓLICA

A Semana Social de Bruxelas

IX

Desasombradas afirmações dum ministro — Pessimismos? — O que não temos e o que devemos ter

A sessão solene do encerramento, assistiu também o grande ministro da Indústria e do Trabalho, Mr. Heyman.

Figura enérgica e decidida, olhar enimo e penetrante, a sua acção notabilíssima tem trazido à Bélgica horas de acção e de esperança.

A sua vida impregnada de fé — no ministério o fora dele — é uma constante expressão do amor — amor de Deus e da Sua Igreja, amor do próximo e da sua pátria.

Por isso a Bélgica, toda o coração dos laicos na justa afecção — uma nação reconhecida que sabe pagar amor com amor.

O seu discurso à Juventude, que freneticamente o aplaudia, mais não foi do que a entusiástica comunicação da flama viva que lhe incendia a alma.

Na embriaguez daquele entusiasmo que a sua palavra, nos comoveu, (tão mal acostumados andamos a semelhantes atitudes nos nossos homens, mal pudemos tomar alguns notas de que disse aquele homem dum só carácter. Mas as ideias criadoras que saíam de seus lábios de verdadeiro católico — labaredas do fogo a atear incêndios do amor pelas almas — guardamo-las nos aqui no cofre do coração, não, para as fecharmos, como avares, as sete chaves do egoísmo, mas para as distribuímos, em pão de vida, nos famintos da verdade e do amor.

Rapazes católicos que me escutais, principia o ministro, eu sinto-me feliz no meio de vós. E com alvoroço que vos falô.

Que vistes fazer aqui? Que buscais? O belo programa da vossa Semana Social no diz. Vós procurais restaurar o mundo em Cristo. Mas, se é permitido a um leigo traçar directivas na acção católica, eu dou-vos um programa em duas palavras: amor e acção.

Vós tendes de ser alampadas do Sacário, que o vento do mundo fará, por vezes, bruxulear e tremer, mas que jamais se apagarão, se souberdes alimentar o candelabro que sois, na mesma Hóstia Santa, que alumia.

Vós tendes de teer, com a vossa vida, mais uma estrofe inflamada no poema de amor que Cristo veio na terra cantar.

Vós tendes de espalhar no meio dos homens, que esta geração divide em ódios e sangue, a doce harmonia da caridade e do amor.

Vós tendes de fazer da felicidade dos outros a vossa própria felicidade. Porque, lembrai-vos, só sois felizes no mundo na medida em que fizerdes os outros felizes também. A vossa vida deve ser amor; o vosso amor deve ser acção. Vivei amando, amai cantando. Cantai a divina epopeia do amor, fazendo da vossa vida uma porção de doação de sacrifício. E preciso mul-

tas vezes deixar o calor do próprio lar, para ir aquiecer a fúria dos lares dos outros, onde há fome do pão ou sede do luz.

Oh! quem pudesse penetrar de espirito cristão a classe dos empregados, desses meninos que vós estudastes para os defender!

Se os médicos, os advogados, os funcionários, todos enfim, se enchessem do amor a Cristo, a sociedade não nos apresentaria o desolante espectáculo que nos confronta.

O illustre estadista continua a expor, em frases queutes e arrebatadoras, o dever incessante de apostolado social que impõe a todo o católico na crise enorme da hora que passa.

E terminando: "Todos, absolutamente todos, temos na vida um fim: — servir os interesses de Cristo e da Igreja e trazer a Deus as almas perdidas".

Fechara com verdadeira chave de ouro — para nos servirmos da usual expressão — este admirável congresso das Universidades Católicas.

Fogo do vistes? — Não! Fogo do amor, fogo de caridade, fogo de esperança nos dias melhores que o programa traçado para o ano seguinte, por certo, traria, em maior razão plena da heroica semelhança de sacrifícios e de amor que principiar.

Podrá parecer a alguém que as crónicas do relato doutrinal da Semana de Bruxelas estão impregnadas dum pessimismo menos verdadeiro sobre a Acção Católica em Portugal.

Não é verdade. Nós conhecemos bem — o porque a conhecemos, o louvamos — o generoso esforço de tantas almas decididas que se tornam votada numa doação plena de toda a sua vida ao grande sacrifício do Apostolado.

Nós conhecemos também — e muitas pessoalmente — essas generosas senhoras, honra da nossa Pátria e da Igreja, que, amando de cidadamente a Deus e ao próximo são, no lodacal do mundo, flores humildes do sacrifício escondido que embalsamam, aliviam e consolam as dores dos que sofrem à sua volta.

Conhecemos ainda a ignorada imolação de tantas almas santas, o arrojado heroísmo de tantos corações puros, a oração fervorosa de tantos lábios cristãos que rosam com as suas lágrimas, amparam com os seus sacrifícios e amadurecem com as suas orações a messe divina em que trabalham os obreiros do Senhor.

Do norte ao sul de Portugal, nas cidades e nas aldeias, mas sobretudo nas dioceses pobresinhas da nossa terra, há almas que valen uma apologia inteira, corações que são

(Continua na 6.ª página)

poetas do Catolicismo, vidas, que são a honra maior e a mais lúdim glória da nossa Pátria cristã.

Benditas sejam!

Mis é exactamente por sabermos disto tudo que levantamos embricadamente a nossa humilde voz, encalpisando a apatia sem nome da maior parte dos católicos portugueses.

Porque o fundo católico de Portugal não é ainda o mesmo — louvado Deus! — que o fundo dos católicos da Bélgica.

E precisamente esta profunda comicção que nos leva a perguntar aos que se julgam católicos qual é o motivo porque se não resolvem a ajudar em tudo o nosso brilhante Episcopado, que — dizemo-lo com orgulho! — já foi apontado pelo imortal Pio XI como exemplo aos Bispos dum grande e conhecido país da Europa.

Nós podemos produzir muito mais e muito melhor do que os católicos da Bélgica, que tão ingenuamente admiramos, como se fossem feitos duma massa privilegiada... Nelles só há uma coisa que nos deve encher de vergonha: a nítida compreensão dos seus deveres.

E esta compreensão que os leva ao esforço ingenuo pela formação e pela organização dos seus católicos.

E é exactamente isto que nos falta em Portugal.

Formação!

— Hoje são os jornais os grandes veículos da mentalidade para as massas. Que enorme crime para um católico, que tem de trabalhar na conversão dos outros, ajudar com o seu dinheiro os jornais mans que espalham miasmas de morte ou os indiferentes que envenenam e matam também.

Não fazem assim os católicos da Bélgica.

São as escolas primárias e secundárias o grande meio da formação da juventude.

Os belgas toem na sua mão a maior parte do ouzino. Por isso são fortes. Nós...

Louvain! Eis o segredo da vitória, eis a explicação do triunfo!

Seria incompreensível, sem esta secular e primorosa Universidade, a existência do Catolicismo na Bélgica. Cercada pelo protestantismo por todos os lados menos por aquele donde sopravam os delictéricos ventos da Revolução, governada por estados de várias regiões e ideologias malhas, foi Lovaina que enfrontou, com o prestígio do seu nome e o valor do seu ensino, os inimigos comuns que tentavam, em armistida satânica, franquear-lhes as fronteiras. E venceu-os heroicamente e... quebrou-lhes os queixos domindantemente.

Isto contem. Hoje é Lovaina o cérebro, a alma, o coração do toda a Acção Católica na Bélgica. Doutro dos seus muros está, como que um forte inexpugnável, esta prodigiosa e complexa central de toda a Acção Católica.

Daqui sai a vida, a luz e a acção. O valor duma Universidade Católica!

Também nós só poderemos calar as arremetidas arcaicas do anti-clericalismo que por aí ainda vivo (para confirmação e prova do nosso atraso mental) no dia redentor em que as católicas católicas erguerem a sua voz.

Organização!

Mas, porventura, haverá alguém que ainda duvide da sua eficácia?!

Existirá, acaso, algum católico que ainda se sinta bem na cama fora do seu cómodo individualismo?!

E bem certo que os filhos das trevas são mais prudentes que os filhos da luz.

Não desanimemos, porém.

Trabalhemos, desembarcadamente, sem desânimos, nem timidez, que o trabalho só pode comportar uma folga no dia em que não haja em Portugal um só católico que apouca no apelo dos nossos Pastores, o non possumus da ingratidão, da revolta ou da preguiça

A. V.

243